



ELEIÇÕES

SERENIDADE, TOLERÂNCIA, FRATERNIDADE

Vêm aí as eleições! Vem aí a afirmação da dignidade de um Povo que poderá, de cabeça erguida, abrir o caminho para um futuro melhor num País rejuvenescido. O voto é a arma do Povo — eis a palavra de ordem desta época que antecede o acto eleitoral, e se tem mostrado tão rica de potencialidade, tão exuberante, na alegria manifesta do pensamento livre e das palavras vibrantes de entusiasmo. O País inteiro vive um acto de que esteve violentamente afastado, durante muitos anos, por uma ditadura que serviu os grandes senhores da finança e os interesses da alta burguesia.

Pela primeira vez, sabemos o que é a liberdade e podemos afirmar os nossos ideais, levantando a voz da verdade que sentimos, e estendendo a mão num gesto fraterno da conquista de novos e mais amigos para a construção de uma sociedade nova.

A liberdade invadiu, tomou o pulso ao País, e trouxe também consigo muitas interrogações. E com as dúvidas despertadas pelo choque de afirmações e atitudes, surge forçosamente o juízo crítico e o sentimento de aceitação ou repulsa. E é neste momento de apreciação crítica que muitos falham por menos preparação e esclarecimento. E é nesta circunstância que assistimos ao contraste doloroso de se verem pessoas desprotegidas, arrastadas pelas falinhas mansas dos que pretendem defender interesses de minorias em nome das maiorias. E então a palavra liberdade toma cores e paladares diversos, levando até à desorientação.

Mas, acreditamos no debate das ideias e na conquista do valor certo das palavras, para bom esclarecimento das pessoas, e do valor real das liberdades que se há de sobrepor às manobras e aos

aventureirismos. Não será preciso muito para se distinguir entre as liberdades dos ricos e dos fortes e as dos fracos e oprimidos.

Para existir a democracia, Governo do Povo, será necessário que os inimigos deste, os reais adversários da liberdade, não a utilizem para a degradar e esmagar.

São necessárias, de facto, muitas precauções neste tempo que vivemos, mas para lá dos excessos que se cometem, naturais e quase lógicos depois de tão longo período de repressão, é preciso reflectir e respeitar as ideias dos outros, embora estas sejam contrárias, mas a que se deve o respeito pela sinceridade que possam conter.

Sim, devemos respeitar a boa fé mas teremos também que estar alerta contra os inimigos do Povo, disfarçados de cor-deiros, encobrindo-se com os benefícios da situação democrática.

A luta de classes, o choque entre patrões e operários, sobressai de modo gritante na emergência actual, mas, em boa verdade, sem desrespeitar o futuro, teremos de aceitar uma fase de transição, evitando a violência, dando tempo a que uma mentalidade nova seja capaz de unir a todos no esforço comum de boa vontade.

Ouvir e dialogar. Respeitar para ser respeitado, são quanto a nós as obrigações maiores, de momento.

Que estas primeiras eleições livres, conforme o desejo já expresso pelo Presidente da República, General Costa Gomes, decorram num ambiente de SERENIDADE, TOLERÂNCIA E DE FRATERNIDADE, são os votos de quem sempre acreditou na Democracia.

António Gaio

AOS EMIGRANTES

Qualquer jornal regional conta entre os seus leitores mais fiéis elevado número de emigrantes oriundos da zona onde se publica o jornal, o qual se torna, a bem dizer, o único laço informativo com o que se passa no seu país. Nesta fase da vida portuguesa parece-nos importante que os emigrantes tenham uma visão do que por cá se passa que seja tão completa e verdadeira quanto possível. Assim, vimos hoje propor aos nossos leitores mais longínquos que nos escrevam, pondo as suas dúvidas, opiniões e convicções acerca do que se vai passando neste País que em tempos deixaram e que tanto se vai modificando. Poderiam, ainda, informar-nos acerca da perspectiva como a imprensa e a opinião pública em geral, do país em que labutam, encaram o Portugal de 25 de Abril. Seria esta uma forma de robustecerem os laços que de certo, ainda os prendem a esta cidade e concelho. O jornal está à disposição, dentro dos limites do possível.



O sentido das Eleições

O GATO E O CANÁRIO

Era uma vez um grande gato, gordo, de fartos bigodes e pêlo luzidio. Este gato, tal como os demais, adorava regalar-se com lautos manjares e lindos e desprotegidos passarinhos.

Na casa onde o gato morava havia um canário que estava numa gaiola colocada muito alto, onde o gato não conseguia chegar, por muitos saltos que desse. O gato, já cansado de pensar na melhor maneira de enganar o canário, lembrou-se de lhe fazer uma proposta. «Olha lá canário, nós nunca nos demos mal, e eu gostava tanto de ser teu amigo, porque não vamos os dois viver na mesma gaiola?». O canário, que não acreditava no gato, pois os gatos sempre perseguiram e destroçaram os canários, ficou muito surpreendido com semelhante proposta. Mas, como o gato lhe parecia tão sincero e tão interessado em ter com ele relações de amizade, e como o gato insistisse numa vida em comum, o canário — embora com alguma relutância — acedeu ao pedido.

Foram assim habitar a mesma gaiola. De início tudo corria às mil maravilhas. O gato mostrava-se encantador e interessado nos problemas do canário. Este ia perdendo a sua natural desconfiança em relação ao seu companheiro de gaiola. Mas, passado pouco tempo, começaram os aborrecimentos. O gato mandava vir grandes travessas de carapaus e após se deleitar com a comida, deixava para o canário as espinhas, dizendo-lhe: «Vês? sou teu amigo, dou-te do meu comer». Claro que o canário não comia carapaus mas, como o gato se mostrava tão solícito, o canário ia suportando aquela convivência. Os dias passavam e a cena repetia-se. O gato mandava vir mais carapaus e o canário ia definhando, pois não conseguia tragar as espinhas. No entanto, o gato, muito feliz com aquela união, ia engordando cada vez mais.

Um dia, o gato acordou mal disposto — tivera uma noite de indisposição porque os carapaus já não chegavam para satisfazer a sua gula, e pensou: «estou eu para aqui sempre a comer carapaus tendo ao meu lado um canário tão bonzinho! Vou mas é comê-lo!». Dito e feito. Comeu o desgraçado do canário. Moral da história: os interesses e os gostos dos gatos não são os mesmos do que os dos canários. Assim, a proposta de viverem juntos não fora mais do que uma artimanha de que o gato se serviu para comer o canário.

Também em política assim é. Os interesses dos capitalistas e dos patrões diferem dos interesses dos trabalhadores. Enquanto os primeiros apenas pretendem continuar a exploração do homem pelo homem e beneficiar dos prazeres da vida, os trabalhadores só têm a sua força de trabalho para vender e não usufruem dos prazeres da vida, pois os seus magros proventos mal dão para se alimentarem.

Ora os capitalistas disfarçados de democratas, andam para aí a gritar que resolvem todos os problemas da nação e que os trabalhadores podem viver com eles na mesma gaiola. Tal como o gato, os capitalistas «democratas» oferecem aos trabalhadores manjares que estes não podem comer, pois não têm possibilidades materiais de os adquirir. Tal como o gato, os «democratas» convidam os trabalhadores a participar na vida das empresas através da co-gestão, ou seja, os operários poderão obter alguns lugares nos aparelhos administrativos e de gestão das fábricas sem, no entanto, alcançarem os postos de decisão e sem tomarem conta delas. Tal como o gato, os falsos «democratas» oferecem as espinhas aos trabalhadores, depois de haverem comido a carne.

Um dia, os «democratas» indis põem-se e nem sequer dão as espinhas aos trabalhadores. E então teremos uma nova ditadura. E então os canários é que se lembram que os gatos nunca lhes deram nada, pelo contrário, sempre os perseguiram e sempre lhes retiraram a subsistência. E então é que os trabalhadores abrem os olhos e reparam que os «democratas» são os mesmos que antes do 25 de Abril lhes sugavam o sangue e construíam grandes e luxuosas moradias, compravam dispendiosos automóveis e tinham chorudas contas bancárias à custa de explorarem e vilipendiarem a classe operária.

Este conto serve para ilustrar os designios daqueles que agora se dizem amigos e defensores do povo português, prometendo-lhes tudo e mais alguma coisa, apenas pretendendo continuar a dar a este generoso povo umas reles espinhas de carapau. Cuidado com eles. Mascaram-se com pomposos nomes e dizem-se «democratas» só para fomentar a confusão no seio das massas e agitam o espantinho do anti-socialismo e do anticomunismo. Não nos deixemos enganar pelos grandes e lustrosos gatos de fartos bigodes. Eles pretenderão sempre deitar-nos a pata e submeter-nos a uma opressão ainda maior do que aquela que sofremos durante 48 anos. O 25 de Abril fez-se para todos comerem carapaus e não para uns saborearem a carne e outros chucharem as espinhas.

J. P.

Leia neste número

Página 4:

ESCOLA VIVA

Página 5:

O LIXO EM ESPINHO

Que liberdade? SERVIÇO CÍVICO

DEFESA DE **ESPINHO**

Agora que tanto se fala em liberdade não será descabido alinhar mais algumas breves considerações sobre tão importante quanto mal compreendido tema. Seria, aliás, interessante que outros se debruçassem brevemente sobre este tema, enviando-nos as suas ideias para publicação. É que de facto, torna-se urgente clarificarmos o que queremos realmente dizer quando usamos, a torto e a direito, o malbaratado conceito.

Muito se tem discutido quanto à oportunidade, ou não, de proceder, entre nós, à nacionalização da medicina, a qual tornaria os trabalhadores da saúde, no essencial, funcionários públicos. Ouvem-se opiniões pró e contra, claro. Há, porém, um aspecto que não tem sido muito apontado e que tem alguma relevância. Num país onde se deu há já bastantes anos a nacionalização da medicina — referimo-nos à Inglaterra — verificaram-se várias consequências interessantes. Uma delas foi o grande número de médicos ingleses que começaram a abandonar o seu país, à procura de outras terras onde uma medicina não nacionalizada lhes garantisse uma maior fonte de receita do que a que obtinham no seu país.

Estavam no seu direito? Eram livres de fazer o que quisessem? Aparentemente... nada a dizer-lhes. Mas é fácil ver as tristes consequências deste comportamento anti-social. Que sucederia em Portugal se se verificasse uma nacionalização da medicina? Não nos repugna acreditar que muito daqueles que hoje ganham imenso dinheiro com a sua «profissão liberal», viessem a dar-às-de-vila-diogo, contentes por irem para outro lugar continuar a exercer «livremente» a sua profissão. Pior para quem cá ficasse. Seria vítima da tal «liberdade». Que liberdade?

É evidente que isto não pretende provar que a nacionalização da medicina não serve, o que se pode concluir é que ela só não basta. Mas isto já seriam outras ideias.

A. S.

PARAMOS

DESPORTO POPULAR

Realizaram-se neste último domingo várias provas desportivas que contaram com ampla participação popular.

Esta forma de desporto, que durante tantos anos nos faltou, é bem merecedora do apoio de todos e do aplauso para aqueles que estão a desempenhar as necessárias tarefas organizativas.

Por falta de elementos só na próxima oportunidade poderei dar a reportagem que merece ser mais por menorizada.

ASSEMBLÉIA GERAL
NO AERO CLUBE

Realizou-se no último sábado, dia 12, a continuação dos trabalhos da Assembleia Geral iniciada em 29 de Março de 1975.

Não foi espremida a «roupa suja» que se pretendeu lavar desde a primeira sessão de trabalhos, pois, se é certo que quando se zangam as comadres se descobrem as verdades (só algumas) pareceu haver sócios (poucos mas com força) que mais pretenderam considerar ilegal a Assembleia e em estado de sítio a colectividade que limpar o sujo existente e prosseguir uma actividade mais digna de uma colectividade considerada de utilidade pública (ou particular?).

Da imprudência de começar a acender fogueiras onde há tantos «rastos de palha» vão resultar sérias consequências.

Domingos Monteiro

(Conclusão da página 4)

mocracia burguesa que essa luta se processa dum modo bastante agudo. Assim e para mais num período revolucionário e de transição como o que vivemos, é natural que o MEC se veja a braços com inúmeros problemas, na medida em que já houve 3 mudanças de ministro.

O primeiro foi um indivíduo que, quanto a mim, errou redondamente, o segundo não pôde fazer aquilo que quis e agora o novo ministro que entrar não sei o que virá ainda a fazer.

Assim por todos estes condicionamentos, a eficácia do MEC foi grandemente afectada. Além disso, grande parte das vezes, a ineficácia do MEC, é mais inventada que real. Há certos grupúsculos de esquerdistas verbalistas e idiotas que fazem propaganda anti-MEC unicamente porque resolveram fazer o jogo da reacção, e para eles só interessa destruir a ordem democrática. Mas vemos que o MFA está decidido a manter a irreversibilidade do processo, e portanto esses grupúsculos reaccionários e antiportugueses verão todas as suas tentativas falhadas.»

E por aqui ficou o António Moreira. A Maria de São Luís Vasconcelos Fonseca e Castro seguiu-o e referiu-se então especificamente a este posto de trabalho.

«Bem isto partiu tudo duma iniciativa de algumas professoras locais que verificaram que seria útil ocupar o tempo livre dos miúdos.

Assim lembraram-se do Serviço Cívico como fornecedor do potencial de estudantes que estaria com os miúdos ou de manhã, ou de tarde.

Por isso fizeram uma reunião de pais em que ficaram alguns encarregados de ajudar os estudantes e professoras neste trabalho conjunto. Portanto foi uma iniciativa que partiu da Escola Primária.

Posteriormente uma das professoras daqui que habita em Espinho, juntamente com um encarregado de educação, tiveram uma reunião connosco em Espinho, onde nos propuseram a ideia. Então houve vários de nós que se ofereceram para vir para cá, mesmo antes do Cívico começar, para trabalharem com os miúdos.

A partir daqui houve uns certos problemas, porque esse encarregado de educação quis monopolizar e quis fazer com que a ideia fosse sua exclusivamente, quando ela partiu originalmente das professoras. Assim o senhor, aproveitando as suas frequentes idas a Lisboa, tratava de certos assuntos sem nos dar qualquer satisfação do que (não) fazia.

Depois foi formada uma Comissão de Gestão, formada por representantes dos estudantes, professoras e encarregados de educação dos miúdos, que dirigem e são o órgão responsável por todo o funcionamento do Posto de Trabalho. Assim todos os professores, estudantes e encarregados de educação tomam parte na direcção duma coisa que foi e é realizada por todos e não por só e exclusivamente uma pessoa.»

D. E. — Têm tido algum tipo de problemas no contacto com os miúdos?

«Com eles, sempre tivemos uns certos problemas, pois não estamos habituados a contactar com eles, que são oriundos dum meio piscatório e não estão de modo nenhum habituados a ser canalizados para uma actividade, nunca conseguindo concentrar a atenção numa coisa por muito tempo. Assim, como nunca viram teatro, nem tiveram muitas oportunidades de praticar artes plásticas, por exemplo, sentem grandes dificuldades em integrar-se nelas. Nós, como nunca tínhamos feito nada no género, também temos grandes dificuldades em motivá-los. No entanto nisto há também um mal: o Cívico nos moide em que foi posto, dava prioridade na entrada da faculdade ao servidor cívico. Assim deu-se uma corrida ao Serviço Cívico não pela vontade de trabalhar, mas pela vontade de entrar na faculdade. Isto é indiscutível e não há dúvida que o Cívico pode mostrar o que um estudante é capaz de fazer, mas não podemos esquecer esses casos que vieram pura e simplesmente para entrar na Faculdade. E para esses acho que não se deve de maneira nenhuma de dispensar a ideia do exame psicotécnico.

Temos tido dificuldades na organização de actividades, o que está agora a tentar ser resolvido.

Tivemos uma certa reacção de pais que acham que os miúdos devem vir para aqui apenas para fazer os deveres. Assim temos agora sempre uma hora inicial em que orientamos os nos seus trabalhos escolares.

No entanto temos que mudar a mentalidade de certos pais, pois escola já os miúdos a têm à tarde, ou de manhã. Queremos inserir-nos num tipo de escola moderna e aberta e deixar para trás o carácter livresco que era usado.»

D. E. — Porque vieram vocês aqui para a Aguda e não ficaram em Espinho?

«Primeiro porque fomos contactados pelas pessoas daqui. Em segundo lugar, porque a Câmara de Espinho informou-nos de que não tinham nada até à data sobre o Serviço Cívico, devido a incapacidade monetária.

Assim, uma vez que estamos aqui também a fazer um trabalho útil e a Aguda fica perto de Espinho, e em Espinho seria muito difícil levar a cabo uma iniciativa destas sem apoios, viemos para cá.»

D. E. — Portanto fundamentalmente porque em Espinho não houve uma iniciativa deste género...

«Pois, absolutamente. Mesmo pondo a hipótese de que a iniciativa poderia vir de nós próprios, claro que com a chegada ao nosso conhecimento da execução da mesma tão perto na Aguda, abdicaríamos de todo um trabalho imenso que não nos competiria fazer, para vir aqui onde a ideia estava já enraizada.»

(Continua no próximo número)

ATENÇÃO

ESPINHENSES TRABALHADORES NO PORTO

Temos Transporte Especial (directo) A partir do dia 1 de Junho de 1975
Partida de Espinho às 8,15 horas (Frente Nosso Café)
Partida do Porto às 19,20 horas (frente Estação S. Bento)

Informações e marcações: CASA XABREGAS
Rua 23 n.º 492 — Telefone 920222 — ESPINHO

ATENÇÃO — Brevemente abre ao Público PRAIA DO SOL

Com secções de DISCOTECA — novidades em discos e cassetes gravadas
VIAGENS — Aluguer Autocarros para Excursões

Organização de Viagens no País e Estrangeiro
Rua 16 — (Mercado Municipal) — ESPINHO

Senhora

chegada de Luanda, mãe de dois filhos, pretende colocação
Resposta ao n.º 81

PRECISA-SE

Urgente — 100 contos com amortizações mensais. Resposta à Redacção ao n.º 80 indicando o juro

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSÉ JOÃO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA

CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro:

Certifico que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas D-9, de folhas 94, verso, a folhas 95, verso, se encontra exarada com data de hoje uma escritura de HABILITAÇÃO NOTARIAL por óbito de JOÃO LOPES DA FONSECA ou JOÃO LOPES FONSECA, que foi casado, em primeiras núpcias de ambos e sob o regime de comunhão geral de bens, com Cecília dos Santos Ledo ou Cecília Santos Ledo da Fonseca, natural de Ovar, morador em Espinho, rua 23, ela hoje dele viúva, natural de Espinho, residente na referida rua 23, número duzentos oitenta e quatro, falecido em 4 de Fevereiro de 1973. Mais certifico que na referida escritura foram habilitados seus filhos legítimos Carlos Ledo da Fonseca, casado com Maria Margarida da Fonseca Lopes de Resende e Alfredo Ledo da Fonseca, casado com Cecília Augusta Soares de Moura e Oliveira, ambos em comunhão geral de bens, naturais de Espinho, onde moram, este na rua 23, 284, e aquele na rua 64, 333.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, nove de Abril de mil novecentos setenta e cinco.

A notária

Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

19-4-1975 — Defesa de Espinho — N.º 2246

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Abril de 1975, lavrada de folhas 72 verso a 74 verso do livro de notas para escrituras diversas A-Número 40 deste cartório notarial de Espinho, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas sob a firma «RIBEIRO & FONSECA, LIMITADA», com sede em Espinho, no rés do chão do prédio sito no ângulo nascente-norte das Avenidas Oito e Rua Vinte e Um, sem número de polícia, a partir de um de Abril corrente, data da aprovação das contas.

Que na liquidação e partilha operada na mesma escritura, todo o activo e passivo foi adjudicado ao ex-sócio MARIO MIRANDA DA FONSECA.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 12 de Abril de 1975.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

19-4-1975 — Defesa de Espinho — N.º 2246

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Aero Clube da Costa Verde em crise?

Assim parece acontecer. Esta Colectividade, com bons serviços prestados em vários aspectos, com claros benefícios para Espinho, atravessa um momento de declarada crise, de reflexos futuros imprevisíveis.

Realmente, por razões de não cumprimento do preceituado pelos estatutos, a última Assembleia Geral Extraordinária não pôde seguir e nela seriam tratados, de facto, problemas de grande importância e transcendência para a vida presente e futura do Clube.

Todavia, como se geraram situações de «guerrilha» interna no seio da Colectividade, esta, aos poucos, foi decaindo e hoje a crise é evidente, caindo-se, para já, numa situa-

ção de impasse, até porque a situação financeira do Clube é aflitiva, como o é, afinal em tantas agremiações portuguesas, atingindo o passivo cerca de 3 milhares de contos.

Tudo isto leva a pensar que vai ser indispensável a intervenção de quem de direito, de molde a apurarem-se as causas motivadoras deste estado de coisas e de forma a definir-se o futuro de uma Colectividade de muito interesse para Espinho.

Portanto, fica-se na expectativa e na esperança de que, a curto prazo, tudo se remedeie da melhor maneira e o Clube se salve duma situação de crise que ressuma aspectos de bastante perigosa.

PELA P. S. P.

Depois de, na Secção local da PSP, Joaquim Dias da Costa, do Souto de Anta, se ter queixado de lhe ter sido furtado, na noite de 7 para 8, o seu automóvel TO-60-49, este veio a ser localizado na praia da Aguda, sendo restituído ao seu proprietário.

★

Na Secção da PSP será entregue ao proprietário do automóvel FI-44-52, o selo de imposto, no valor de mil escudos, que foi encontrado numa das ruas da cidade.

★

Manuel Augusto Pinto da Silva, de Pedreira, Silvalde, participou na PSP que desconhecidos se haviam introduzido na secção local do Sindicato dos Metalúrgicos, na rua 22, onde rasgaram vários documentos e roubaram outros.

★

Sérgio Manuel dos Santos, de 18 anos, serralheiro civil, e Agostinho Adelinho Nogueira Leal, de 17 anos, pintor da construção civil, ambos solteiros, evadiram-se do Colégio de São Fiel, em Loureiro do Campo, Castelo Branco. Em várias localidades os jovens delinquentes praticaram variados furtos de dinheiro e artigos diversos, mas a «colheita» findou em Espinho, pois aqui foram detidos por um agente local da PSP no passado dia 12.

★

Entre 11 e 12 do corrente houve uma operação **Stop**, em que tomaram parte elementos das Forças Armadas, da PSP, e da GNR, operação que foi aceite com a maior correcção e civismo por todos os cidadãos nela abordados. Entre as várias infracções verificadas, houve uma captura por condução ilegal, duas cartas apreendidas por excesso de validade, tendo sido fiscalizadas 1 113 viaturas ligeiras, 289 viaturas pesadas e 103 motos e velocípedes.

Colabore para uma cidade limpa

VENDE-SE

APARTAMENTO

com 3 quartos, 2 quartos de banho, sala comum, garagem, etc.
Rua 25 n.º 679 — ESPINHO
Falar na
Rua 7 n.º 475 — 2.º — Telef. 920385

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

Agradecimento

ABILIO DE OLIVEIRA PAULINO

Sua Família vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que participaram no seu funeral, bem como a todas as que assistiram à Missa do 7.º Dia.

DO HOSPITAL

Movimento de 8-4-75 a 15-4-75

Internamentos Gerais	45
Exames Radiográficos	195
Crianças Nascidas	18

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	3
Obstetrícia	2
Cirurgia Geral	16
Otorrino	11
Ortopedia	2

Serviço de Urgência

Homens	155
Mulheres	186

Internados entre outros

Amélia das Dores Carvalhido Paço para Obstetrícia, de Espinho.

Maria da Conceição Loureiro Moreira, para Ortopedia, de Silvalde.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

3.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;

Amanhã, domingo — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;

Segunda-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;

Terça-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;

Quarta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;

Quinta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;

Sexta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, Sábado, 19 — A NOVA VÍAGEM DE SINBAD, com John Philip Law e Caroline Munro — 10 anos;

Amanhã, Domingo, 20 — L'ASTRA-GALE, com Horst Bucholz e Marlene Jobert — 18 anos.

Terça-feira, 22 — DRACULA TEM SEDE DE SANGUE, com Christopher Lee e Peter Cushing — 18 anos.

Quinta-feira, 24 — A MAO DE FERRO, com Lo Lih e Wang Ping — 18 anos.

Sexta-feira, 25 — OS SEQUESTRADOS DE ALTONA, com Sophia Loren e Maximilian Schell — 18 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 19 e amanhã Domingo, 20 — DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER, com Richard Benjamin e Carrie Snodgrass — 18 anos.

Segunda-feira, 21 — OS GRANDES AVENTUREIROS, com Lino Ventura e Joanna Shimkus — 10 anos.

Quarta-feira, 23 — BAMSE — PAIXÃO IMPOSSÍVEL, com Gynnet Molvig e Bjorn Tamber — 18 anos.

Sexta-feira, 25 — AMOR E MORTE, com Nadine Nortier e Jean Claud Ulbert — 18 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Patrícia Carla, filha de Manuel Alves da Silva e de Maria de Lurdes Pereira Ramos Silva;

Carlos Alberto, filho de Tomás de Jesus Ferreira e de Maria Fernanda de Oliveira Paiva Lima;

Nuno Miguel, filho de Rogério de Carvalho Martins Cruz e de Amélia das Dores Carvalhido do Paço.

CASAMENTOS

Na Igreja Matriz de Espinho:

José Francisco Pires Serra com Margarida Olga Costa Bastos.

Na Igreja Paroquial de Anta:

José Manuel Ferreirinha Soares com Maria Augusta Pinto Rocha.

Na Igreja Paroquial de Paramos:

Humberto Ferreira Marques com Filomena Cardoso Rodrigues Marques.

Na Igreja Paroquial de Guetim:

Nicolau Rodrigues Borges com Maria Joaquina Bessa Borges.
António de Jesus Molta com Rosa Rodrigues Costa Ramos.

Na Igreja Paroquial de Grijó:

Jovellano Cardoso Lemos com Maria Margarida Ferreira de Sousa Lemos.

FALECIMENTOS

ABILIO DE OLIVEIRA PAULINO

No passado dia 9, faleceu nesta cidade o sr. Abílio de Oliveira Paulino, casado com D. Maria do Céu Pinho e Silva, pai de Maria Manuela, José Luis, Jorge Eduardo, Isabel Maria e Rui Manuel Paulino, filho do sr. António Paulino e irmão de D. Maria Belmira Paulino.

O funeral realizou-se no dia seguinte da sua residência à Igreja Matriz e daí ao cemitério municipal.

PERFEITO PINTO PREDAL PRATA

No dia 12 do corrente, faleceu nesta cidade o sr. Perfeito Pinto Preda Prata, casado com D. Clara Maria Fernandes Pereira, pai de D. Maria de Fátima e de Alexandre Carlos Fernandes Prata, irmão de D. Teresa e D. Lígia Prata e de Joaquim, Manuel, Danilo e Sebastião Prata e cunhado de Carlos Xabregas.

O funeral realizou-se no dia seguinte da Igreja Matriz ao cemitério municipal.

RAUL DINIZ DE CARVALHO

No passado dia 11 faleceu na sua residência à Rua 31 N.º 392 o Sr. Raul Augusto Diniz de Carvalho, que foi muitos anos industrial de alfaiataria. O finado era casado com D. Júlia da Silva Trindade, pai de D. Maria Vitória Diniz dos Santos, sogro do Sr. Ramiro dos Santos e cunhado de D. Aida da Silva Trindade

Em Espinho:

António da Silva Vaz, de 66 anos, viúvo de Margarida dos Anjos Alves do Couto;

Manuel Luis Caprichoso, de 71 anos, casado com Maria Arminda de Oliveira;

Adelaide Moreira da Costa, de 51 anos, casada com José Joaquim da Costa.

Em Anta:

José Pereira Pedrosa, de 58 anos, casado com Ana Pereira Fortuna.

Em Silvalde:

Armando da Silva Carapuço, de 73 anos, viúvo de Maria da Silva Pomba;

Rita Vieira Pelxoto, de 59 anos, casada com Rodrigo Monteiro Pinheiro.

escola viva

PÁGINA MENSAL SOBRE EDUCAÇÃO

B R E V E S

Foi anunciado que as aulas no ensino secundário se deverão prolongar até ao dia 12 de Julho, durando assim o terceiro período escolar mais um mês do que estava previsto. Com este mês a mais pretende o MEC possibilitar a passagem de ano a muitos alunos que frequentam estabelecimentos de ensino cuja vida escolar tem sido irregular. Boa solução? Decisão precipitada? Supomos que, em última análise, quem dará resposta às dúvidas que existem serão os alunos e professores, que se mostrarão, ou não, dispostos a salvar o que já parece perdido. Que ainda é possível, um esforço sério e contínuo, recuperar muito do perdido no campo estreito dos programas, é um facto. Mas seria isto que deveria ser feito? Podemos duvidar. Mas não podemos permitir que a dúvida sirva para boicotar o que ainda é possível. Apesar de tudo.

★

Em alguns estabelecimentos de ensino a situação volta a alterar-se um pouco, depois de um recomeço de aulas calmo. Ao mesmo tempo, o MEC denuncia falsos telefonemas do Ministério transmitindo ordens para encerrar certos estabelecimentos. Por outro lado, parece desenharse nova campanha contra o Sindicato de Professores. Nada de novo, apenas algumas coincidências...

★

Desde a saída, em 21 de Dezembro de 1974, do decreto-lei regulando a gestão democrática do estabelecimento de ensino secundário que está em curso essa experiência de vida democrática nas nossas escolas. Mas, tirando a grande discussão que se gerou então à volta da democraticidade, ou não, do referido decreto, pouco se tem movido de concreto sobre tal experiência. Será que está mesmo a ser praticada? Será que as comissões de gestão ainda estão por homologar? Ou será que se verificou apenas a substituição de um poder autocrático, encarnado num Director (Reitor), por um outro órgão de poder revestido de cores mais modernizadas, mas igualmente aniquilador de uma vida verdadeiramente co-responsável na Escola? Defeito da lei? Defeito dos homens?

★

Não é fácil ser professor neste momento concreto da vida do país. Como

não é fácil ser aluno. Como não é fácil, aliás, ser muitas coisas mais. Mas, até que ponto não estarão os professores dificultando a sua própria missão ao abdicarem tantas vezes e tão cobardemente perante aqueles que sentem também as dificuldades de se auto-responsabilizarem aqui e agora? Cremos que este afastamento da responsabilidade por parte de muitos professores, cada vez mais satisfeitos por cumprirem os seus 50 minutos de aula e irem embora, é um dos grandes responsáveis por muitos dos problemas nas nossas Escolas.

★

Entre as reivindicações feitas pelos estudantes deste país conta-se a de um saneamento eficaz no aparelho do ensino. Infelizmente, é um facto que a muitos professores o problema se põe com urgência: ou encontram em si novas capacidades e modos de pensar, ou ver-se-ão cada vez mais ultrapassados por um processo para o qual não estavam preparados, mas para que têm de encontrar resposta rápida. Até porque as necessidades da educação são graves em extremo, tão graves que entre dois males talvez seja de optar pelo que, parecendo maior a curto prazo, se venha a revelar como a única posição inteligente.

★

Há vários perigos decorrentes da situação «anormal» que se tem vivido no campo do ensino desde o 25 de Abril (isto, esquecendo a situação anterior a essa data, essa, sim, verdadeiramente anormal). É de facto para meditar no problema de os alunos não estarem a assimilar os conhecimentos que se esperaria num ano «anormal». É preciso aprender e ensinar alguma coisa. Mas isto, quer-nos parecer, não é o mais grave. Bem mais séria e preocupante deverá ser a análise da influência exercida sobre professores e alunos pelo «clima» que se tem vivido em muitos dos estabelecimentos de ensino, investigar se muitos não estarão a ficar gravemente diminuídos nas suas capacidades de responder ao que o país deve deles exigir, amolecidos e até contrariados por todo um processo que não sabem analisar correctamente e que portanto os assusta ou os abandalha e torna amorfos, se não conscientemente inimigos do que se está a passar de inovador neste país.

A. S.

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO LICEU DE ESPINHO

Depois do 25 de Abril, o movimento associativo ganhou muito maior incremento, se bem que antes ele já constituísse uma força semi-clandestina que, teve a sua quota-parte no derrube do fascismo. A «Escola Viva» procurou saber o que é um desses movimentos em Espinho, no campo estudantil. Assim ouvimos alguns dos componentes da Associação de Alunos do Liceu Nacional de Espinho:

D. E. — Quando foi criada a A. E. L. N. E. ?

A. E. — Logo após o 25 de Abril, desenvolveu-se no Liceu um movimento tendente a criar uma estrutura associativa representativa de todos os estudantes. Esse movimento foi impulsionado por uma comissão pró-Associação que levou a cabo um trabalho de consciencialização de toda a massa estudantil, que culminou com a eleição dos actuais corpos gerentes da Associação.

D. E. — Existe algum Programa da Associação ?

A. E. — Sim. A actual Direcção apresentou um Programa baseado nas seguintes linhas de acção prioritárias:

1. Unir a luta dos estudantes à luta das massas trabalhadoras, como contribuição para o avanço do processo revolucionário actualmente em curso;
2. Lutar por uma efectiva democratização do Ensino combatendo toda a estrutura anterior numa perspectiva anti-burguesa e anticapitalista.
3. Estreitar os laços de solidariedade e cooperação com a juventude progressista dominada neste momento por regimes imperialistas e fascistas.

D. E. — Quais as realizações levadas a cabo pela Associação ?

A. E. — Criação de estrutura de base com a eleição de Delegados de Turma.

— Amplo esclarecimento sobre o Movimento Associativo, integrando-o no processo revolucionário em curso.

— Participação de delegados da Associação em diversas realizações a nível nacional, como por exemplo o Encontro Nacional de Direcções, Seminário sobre a Democratização do Ensino realizado em Coimbra com a organização da pró-UNEP, bem assim como encontros realizados a nível nacional e distrital sobre turismo estudantil.

— Ultimamente a A.E.L.N.E. colaborou activamente com diversos organismos juvenis na realização da Semana da Juventude.

— A nível interno realizaram-se várias sessões de tipo cultural, exibição de filmes, seguida de colóquios, teatro. Neste momento encontra-se formado um grupo musical que já tem actuado em encontros de Juventude.

— A nível desportivo, a Associação participou no ENDO, tendo já organi-

zando algumas provas desportivas a nível interno e fazendo intercâmbio com outros estabelecimentos de Ensino.

D. E. — Existe a participação de todos os estudantes ?

A. E. — A participação da grande maioria dos estudantes do Liceu não é um facto. Como principais causas temos a apontar o seguinte:

— A apatia em que a massa estudantil se encontra, com maior incidência a nível secundário, motivada pela política do regime anterior, pretendendo manter os estudantes alheios a toda uma realidade social.

— Surgem divergências criadas pelos vários estratos sociais da população estudantil, dificultando assim a unidade de todos os estudantes.

— As nossas tarefas têm sido sistematicamente boicotadas por elementos do corpo docente de características conservadoras, que aliados a alunos de tendências nitidamente reaccionárias, que se têm empenhado em conduzir todo um processo com vista à divisão dos estudantes, pondo em causa, através de difamação a actual Direcção.

D. E. — Quais são as vossas tarefas prioritárias ?

A. E. — Neste momento, e conscientes da actual conjuntura política, achamos mais oportuno optar por todo um trabalho de mobilização e consciencialização dos estudantes em detrimento do trabalho de tipo burocrático e administrativo.

D. E. — Acham que seria útil a cooperação dos professores ?

A. E. — É útil e necessária. Atendendo a que existem problemas comuns, torna-se urgente uma efectiva colaboração dos professores e alunos na resolução dos seus múltiplos problemas. Existe um sector do professorado que consideramos progressista e que tem colaborado activamente. No entanto a grande maioria dos professores mostra-se completamente alheia dos problemas dos alunos tomando atitudes não só paternalistas como anti-democráticas originando conflitos que essencialmente visam criar a desunião dos estudantes.

D. E. — Como concebem a Escola integrada no actual contexto social ?

A. E. — Como já temos vindo a referir, a Escola deve ser o local de trabalho e de luta no sentido de contribuir no processo revolucionário com vista a uma sociedade totalmente livre da exploração capitalista no caminho duma sociedade sem classes. Até lá há que lutar. O processo revolucionário é irreversível e o Povo Português já tomou consciência disso. Assim nós seremos aliados incondicionais na luta do proletariado industrial e rural pela sua efectiva emancipação.

SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL

POSTO DE TRABALHO DA PRAIA DA AGUDA

Um grande número de candidatos espinhenses ao 1.º ano das Faculdades está a prestar o controverso Serviço Cívico na Praia da Aguda — Arcozelo.

Integrada na página de Educação, resolvemos fazer uma pequena reportagem no local de trabalho.

Dirigimo-nos à escola primária da Aguda, centro de operações do «Centro de Juventude 25 de Abril», que é uma iniciativa destinada à promoção socio-cultural dos pequenos alunos das várias escolas da zona, oriundos na sua maioria da classe piscatória. Assim as crianças passam lá a metade do dia na qual não têm aulas.

Numa pequena dependência da escola estavam alguns servizos cívicos que pacientemente orientavam os trabalhos de casa dos miúdos.

Escolhemos dois conhecidos espinhenses que lá se encontravam e que representaram todos os colegas.

Disse-nos primeiramente o António Manuel Pinto Moreira da Costa:

«Para mim o Serviço Cívico é uma

maneira de se resolver um problema técnico surgido com a falta de espaço nas Universidades para alojar os 21 000 estudantes que se candidataram ao ingresso no 1.º ano da Faculdade e também pode ser aproveitado duma maneira mais válida para criar um maior contacto entre os estudantes e o povo para que a aplicação na vida prática da teoria aprendida na Universidade possa ser feita por nós com mais facilidade, depois desta experiência.

Sob o ponto de vista de utilidade do Serviço Cívico há muitas opiniões. No entanto a minha é esta: inegavelmente o Serviço Cívico traz vantagens se for bem pensado e estruturado, porque permite um maior contacto da população estudantil com os problemas práticos do Povo. Isto desde que não seja utilizado de maneira demagógica como muitas pessoas pretendem interpretar a acção do MEC. Para mim alia-se no Serviço Cívico o útil ao agradável: por um lado resolve-se o problema técnico; por outro, adquirem-se certos conhecimentos que poderão vir a ser úteis na vida futura.

Quanto à organização do Serviço Cívico, creio que ela é bastante deficiente. Porque o decreto-lei que vai regulamentar o Serviço Cívico demora a sair, são feitas muitas promessas, mas não há nada de concreto quanto às regalias que poderão advir da prestação do Serviço Cívico, nomeadamente quanto a entradas na faculdade, redução do período de serviço militar e quanto ao envio de certos subsídios para fazermos face a despesas de transporte e até, no caso de alguns, de alimentação.

O funcionamento dos postos de trabalho de todo o país é uma incógnita para mim. Mas posso adiantar que acho que a organização não está nada perfeita, porque o Serviço Cívico, é uma coisa de utilidade e devia já estar a funcionar desde o princípio do ano lectivo, uma vez que são estudantes «desempregados» que o compõem e que, deviam estar a desenvolver qualquer actividade, quanto mais não fosse para não perder o ritmo de trabalho. Acho que é esquisito que ainda não tenha saído sequer o decreto que o regulamenta.

Sobre o seu período de duração, penso que é um pouco desfasado pela justa medida em que, entrando pelas férias dentro, vai colidir com certos planos que podiam já estar previamente feitos. Por exemplo, eu (e como eu muitos outros!) costumo fazer férias com os meus pais, e devido ao «Cívico», não o poderei fazer sem meu prejuízo.»

D. E. — O que pensas do M. E. C. ?

«O M. E. C. e a sua eficiência é bastante discutível. Temos que atender a que o MEC é um Ministério que tem um dos problemas-chaves da nossa actual conjuntura. O problema estudantil é sempre grave, susceptível de acarretar grandes perturbações e de muito difícil resolução. Já constatámos isso na França em 1968, e vemos as constantes greves e lutas estudantis não só no nosso país, mas também na maioria dos outros. Elas já se processavam no tempo do fascismo, e vemos nos países liberalizados e de de-

(Continua na pág. 2)

O LIXO EM ESPINHO

«Sabe... o problema é que em Espinho são perto de 20 000 a sujar e só 16 a limpar!...»

Este desabafo de alguém responsável pela nossa cidade, alertou-nos para o problema do lixo em Espinho. Problema intimamente ligado à higiene pública. Por isso, importante, e de resolução imperiosa. Como achega, aqui fica o trabalho que a «D. E.» fez sobre o assunto.

OUVIMOS ALGUNS HABITANTES DE ESPINHO

Em primeiro lugar fomos ao Bairro Piscatório. Um grupo de mulheres matava a tarde, sentado ao sol. Ouvimos Cândida Soares André.

D. E. — Os Serviços da Câmara recolhem o lixo aqui?

C. S. A. — *Recolhem, sim, todos os dias.*

D. E. — Têm algum sítio próprio onde colocar o lixo, ou a camioneta passa por todas as portas?

C. S. A. — *O carro passa por todas as casas e recolhe o lixo. Já fazem isso há vários anos, talvez há uns 4 ou mais... Mas isto não adianta nada, porque o povo não se interessa nada que passe por cá a camioneta todos os dias e deita o lixo por aí à sorte, não querem saber...*

D. E. — Acha que se deveria dizer aos moradores que colocassem o lixo à porta, para a camioneta o recolher, em vez de o pôrem aí por qualquer lado?



C. S. A. — *Pois claro, é assim que se deveria fazer. Uma vez que a camioneta passa, deve-se pôr o lixo à porta! A gente faz isso porque somos pessoas limpas. Mas há muita gente que não tem consideração nenhuma, nem se importam de fazer porcaria e deitar o lixo em qualquer sítio. Ao pé de minha casa, por exemplo, não há quartos de banho, e a canalha faz para lá muita porcaria. Eu chamei-os à atenção e disseram-me que não tinham quarto de banho, que tinham de deitar as porcarias em qualquer sítio! Ali, à beira do mar, é uma calamidade!*

D. E. — Todas as casas aqui têm saneamento, esgotos?

C. S. A. — *Agora quase todas têm, mas antigamente não havia nada disso. Mas ainda há algumas que não têm. Algumas não têm luz eléctrica e algumas só desde este último Verão é que têm água corrente. Ali à beira do mar há muitas casas que ainda não têm quarto de banho. É por isso que as criancinhas fazem na rua, porque são obrigadas...*

D. E. — As senhoras não dizem nada quando vêem as pessoas deitar o lixo em qualquer lado?

C. S. A. — *A gente bem reclama que aquelas coisas não se fazem! Mesmo pobres, a limpeza cabe em qualquer parte...*

D. E. — Já disseram a essas pessoas que a porcaria até pode ocasionar doenças?

C. S. A. — *Pois! Aqui há muita doença! E a gente bem lhes diz, mas não querem saber de nada disso...*

Sáimos do Bairro, não sem vermos que, de facto, há demasiado lixo espalha-

do pela rua. Muitas vezes mesmo, os detritos servem de brinquedo às crianças... Fomos para o Centro e na Rua 29 ouvimos Maria Amélia Nogueira de Sousa, empregada costureira.

D. E. — Que nos diz sobre o lixo?

M. A. S. — *Parece que ali para os lados do Bairro há muita lixeira por todo o lado. E disseram-me que muita gente não vinha para a praia de Espinho precisamente por causa disso...*

D. E. — E por aqui na rua 29?

M. A. S. — *Está tudo muito limpo e arranjado. Além do camião do lixo que passa por lá todos os dias, anda sempre por lá um varredor.*

D. E. — Não tem então razão de queixa acerca da recolha...

M. A. S. — *Não. Aqui, não! E falo-lhe pela boca de outros, até...*

Subindo a rua 23, entramos numa Peixaria e ouvimos duas pessoas, Maria Helena e Maria Amélia Reis.

D. E. — Aqui costumam pôr o lixo à porta?

— *Costumamos.*

D. E. — E que têm a dizer acerca do Serviço?

— *Bem. Eles deviam sacudir melhor os baldes, para eles ficarem mais limpos. Às vezes ainda ficam com algum lixo. Às vezes também, quando os cães viram*

os baldes, os homens do lixo quando passam não apanham o lixo que está no chão.

Na parte alta da cidade, ouvimos as opiniões de mais duas pessoas. A proprietária de uma papelaria e Maria da Natividade, doméstica.

D. E. — Que pensam sobre o problema da recolha do lixo?

— *Acho que a recolha está a ser pesadamente feita. O lixo devia ser posto nuns sacos bem fechados, o que evitaria o lixo espalhado no chão, tanto por cães como por baldes tombados. E esses sacos deviam ser fornecidos pela Câmara. Nós pomos os baldes à porta, e às vezes é a mesma coisa que pôr o lixo na rua.*

D. E. — Acham que a hora de recolha é a mais conveniente?

— *Não, acho que devia ser à noite, a partir das 9 horas. Aqui o carro não tem horário certo de passagem.*

— *Além disso, na minha rua, que é a 28, os miúdos que andam pela rua, vão aos baldes, tiram de lá coisas, mexem no lixo... Ainda hoje aconteceu isso, eram 10 da manhã. Se o lixo fosse recolhido à noite, isso não acontecia.*

Na zona Norte, falámos com Ângelo de Jesus Ferreira proprietário de um Café, que nos disse:

A. J. F. — *Quanto a mim, tenho uma má impressão acerca da recolha do lixo. Ela não é feita convenientemente. Os homens que a fazem não esvaziam bem os baldes. Depois, a camioneta começa a an-*

FIM DE SEMANA • 99

Um Abril quente, apesar das nortadas, um Abril emotivo, diverso do das flores e sol que a propaganda turística do S.N.I. sloganava.

Um Abril perturbado, agitado, inquieto, confuso, contraditório, inusitado para quem se habituara a viver numa paz, que era podre, porque vinha da abulia dos homens, da sua não convivialidade, da sua destruição como valores humanos, da sua negação.

Um Abril de propaganda eleitoral.

Abril de espantos, medos e tolices.

Num país despolitizado, com uma massa populacional predominante impolitizada ou imperfeitamente politizada, analfabeta, parece que cumpriria aos partidos a missão de calmamente e em sessões de esclarecimento dialogarem com o povo, expondo os pontos de vista, em palavras e actos (sobretudo actos) convenientes.

Nada mais inoperante do que os comícios, as palestras radiofónicas, o paleio televisivo.

Nada mais esbanjador do que as montanhas de cartazes, de pinturas no leito de ruas, estradas e paredes.

Pensem só o que se gasta em dinheiro e perda em trabalho nessa propaganda num país que tanto precisa de produzir riqueza e de poupar.

Mas a preocupação dos partidos já não é senão a de ganhar votos de qualquer forma. Tudo vale. E vá de aliciar o eleitorado com manifestações alienantes de cortejos de automóveis, caravanas de comboios, de eléctricos, de manobras baixas, de mentiras, de insultos aos outros partidos, de polémica súcia, criando um ambiente falseado para aquele resultado eleitoral em que muitas vezes tenho escrito que não acreditaria, seja qual for.

Para os politicamente informados, essa propaganda é inútil. As suas opções estão feitas.

Para os indecisos (e são a maioria), aí é que vai o tudo vale para apanhar votos.

Para uma verdadeira confusão nas mentes (por vezes de pessoas até intelectuais) com tudo o que se ouve.

Por mim, não perco tempo a ouvir beu-beu. Peço é actos, actos, acções, exemplos.

O resto é paisagem.

Vêm então uns partidos da extrema esquerda que se apresentam como macaco solto em loja de loiça, que insultam toda a gente, que só dizem inépcias políticas, que demonstram total impreparação política, com ignorância teórica completa, que nem se sabe o que querem, que apenas servem para confundir e assustar, que matam e esfolam, que arrasam tudo, e

que são a pescada com o rabo na boca — a boca são eles e o rabo a reacção, ou vice-versa; quer dizer que, em relação a eles, ninguém sabe onde acaba a extrema esquerda e começa a reacção, isto é, em que medida são na verdade extremistas da esquerda ou da direita, neste caso massas incultas, sem o menor sentido das realidades, acicatadas por reaccionários astuciosos ou por indivíduos movidos por interesses muito seus.

Em resumo: partidos que prestam a pior contribuição possível à institucionalização da democracia e a eles próprios, se porventura são sinceros e sabem o que dizem e querem.

Mas outros graves inconvenientes traz esta euforia eleitoralista de gritos e palavras de ordem, de histrionismos teatrais na televisão, de pancadaria, jogo sujo, em que tudo anda alienado.

E tais inconvenientes são de duas ordens, ainda que da mesma natureza.

Por um lado, a crescente ofensiva internacional, para já com a ameaça de um boicote que vai dando sinais de ser uma realidade.

Ora tarefa essencial dos partidos era a de explicar ao povo o que representa essa ingerência estrangeira no nosso país, por forma a fazer nascer uma vontade nacionalista revolucionária que leve o povo a um cerrar de dentes e uma labuta intensa para salvaguardar a sua liberdade.

O que era preciso era «avisar a malta», fazê-la compreender os porquês dessa ofensiva.

Por outro lado, a sombria ameaça do ELP, que já não se esconde e que disfruta da protecção tácita dos países em que se organiza.

Toda a movimentação dos partidos de massas deveria neste momento voltar-se para uma tarefa de alerta e vigilância, porque é aproveitando-se dos adormecimentos que as forças contra-revolucionárias atacam.

A partidária não deixa, porém, raciocinar, discernir o que é preciso, o que é urgente.

E os partidos de massas verdadeiramente democráticos deixam-se enleiar pela acção provocatória de outros partidos, talvez interessados na reacção, que deste modo os adormecem.

Isto é muito mais de pensar e repensar do que os chavascals que as correntes políticas levantam; temos de sofrer muitas convulsões e agitação social; depois virão, necessariamente, o equilíbrio e a estabilização convenientes.

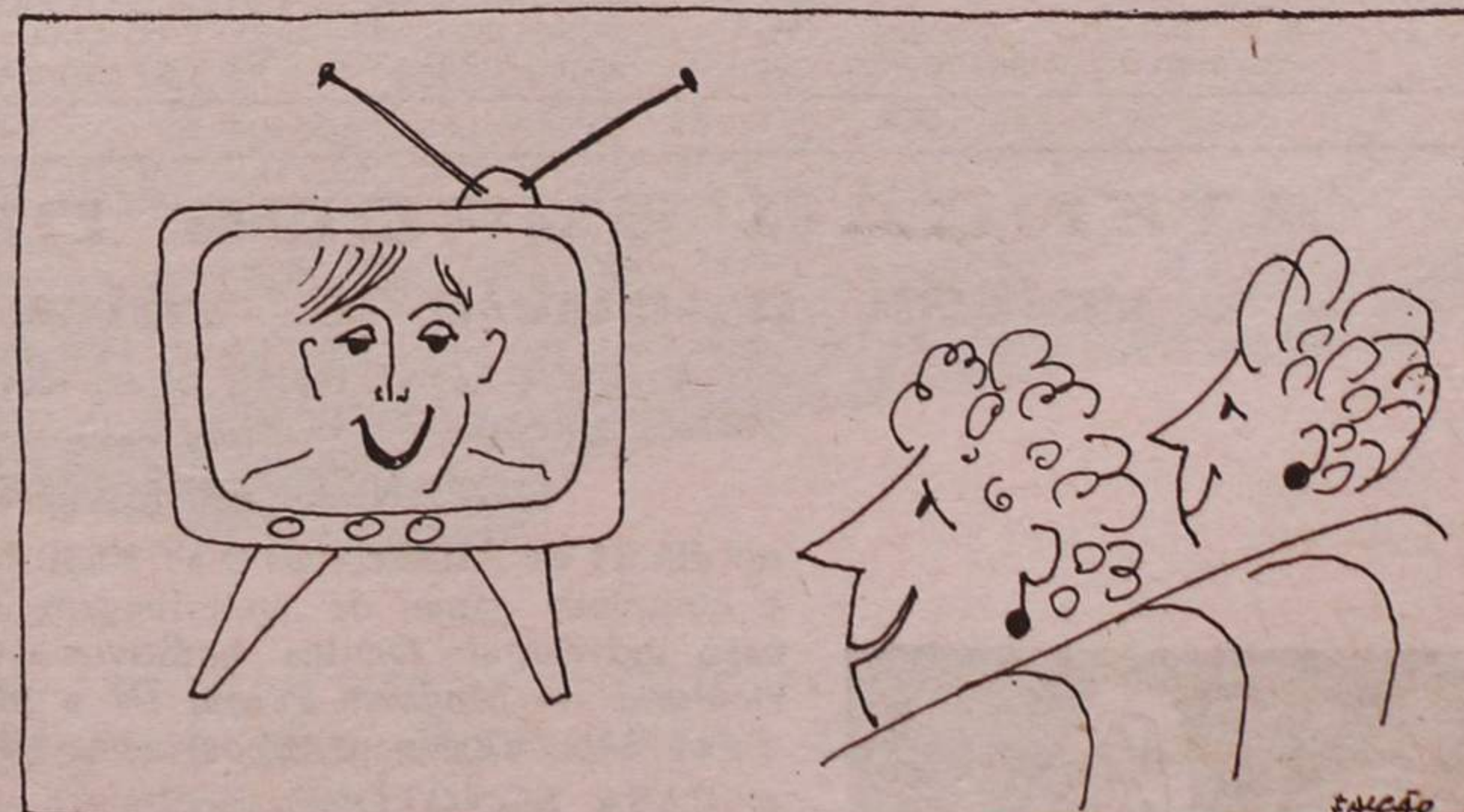
9-4-75

Vasco Luís

LEIA E ASSINE «A DEFESA»

Os Bonecos do Falcão

A CAMPANHA ELEITORAL

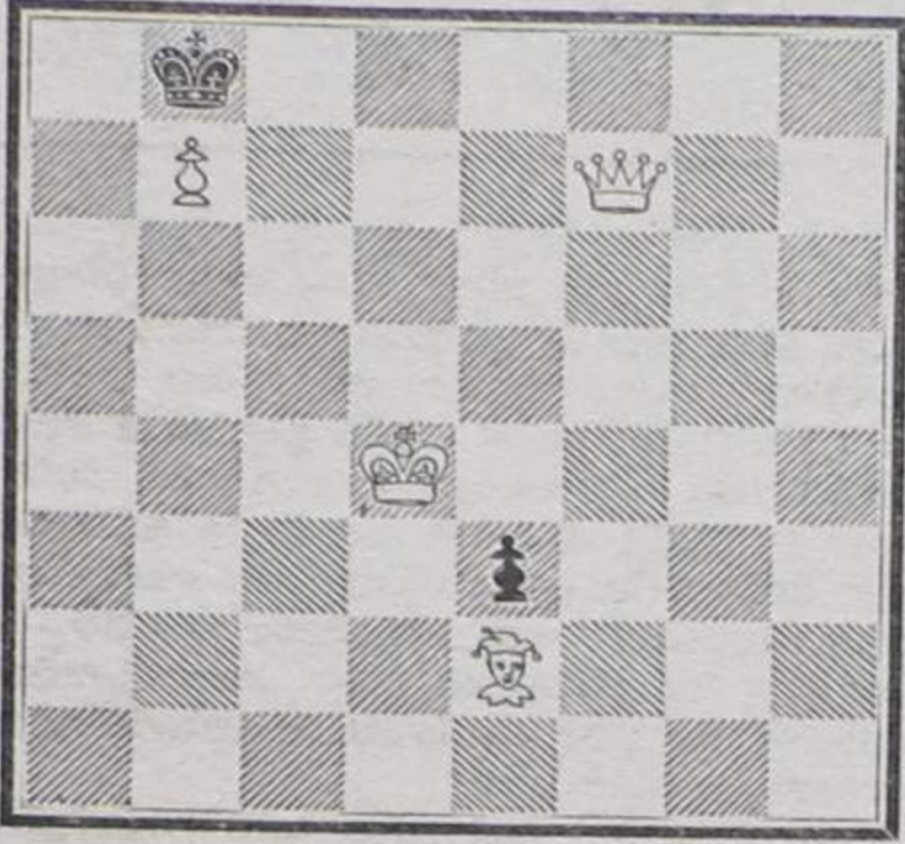


— ESTE É SIMPÁTICO, MAS O OUTRO TEM UM SORRISO MAIS BONITO!

(Continua na pág. 6)

XADREZ

PROBLEMA N.º 6



As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

A solução vale 7 pontos.

A solução do problema N.º 5 é a seguinte:

1. Bh3, Re4; 2. Bg4, Rg4; 3. Td4+ +. Se 1. ... Rg3; 2. Rg5; Re4. Bg2+ +.

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo
Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218
ESPINHO

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º
Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais
RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada



Restaurante 9 9
Snack — Discoteca 1 1
CABANA 2 6
3 9
2 6
2 6

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca 2 2
Aos domingos — Matinée 1 1
Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal 2 6



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

RUA SÁ DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA À BRASILEIRA

Concurso «D. E.»

DESPORTO

LAMENTAMOS

(Continuação da pág. 10)

A minha experiência diz-me que ainda não souu abertamente o sinal de ataque e do cerco (e oxalá se evite, sem desistirmos da nossa caminhada pacífica) porque ainda não apareceram nos jornais nos rádios e nas televisões, as seguintes mentiras anunciadoras de acções definitivas a saber:

1.º — Que os portugueses violaram pelo menos duas dúzias de freiras.

2.º — Que socializaram as mulheres.

3.º — Que as mulheres feias socializaram os homens.

E, por último, o maior e mais repugnante de todos os crimes, bom para senhoras históricas:

4.º — O de comermos criancinhas.

Enquanto não recebermos deste género imbecil, devemos conservar-nos tranquilos. E sorrir. Rir.

Com os dentes alegres bem à mostra, mas prontos para os cerrarmos, com coragem de ira viril, se nos quiserem recusar o direito de salvar a nossa comunidade do naufrágio ou se tentarem vencer-nos pela intriga, pela violência ou pelo cerco, que nos obrigaria a todos a ser heróis mesmo à força — neste momento extraordinário que, infelizmente no futuro não passará apenas de mais uma data, 1974.

LEITOR!

Escreva-nos até ao próximo sábado, identificando o autor do texto acima transcrito. Entre os que acertarem sortearemos uma obra de sua autoria.

Já toda a Imprensa Desportiva fez eco da atitude (infeliz), das equipas da primeira divisão (nem todas) quando, ao pretenderem fazer um saneamento aos «borlitas» do futebol, incluíram no rol os homens da informação.

Acabar com os verdadeiros exageros, pois é evidente que sim! Agora, não separar o «trigo do joio», é de verberar, quando, na realidade, os jornais desportivos (e não só estes) são verdadeiros (e indispensáveis) promotores do futebol-espectáculo-desportivo e dos seus intervenientes.

O futebol não teria atingido toda a expressão popular actual se os órgãos da informação lhe prestassem, por exemplo, tanta atenção como fazem a outras modalidades. Por isso, a tomada de posição dos clubes é infeliz e incompreensível, quando (ingratamente) queriam passar a dar aos jornais a esmola de um acesso para estes lhe promoverem o espectáculo-futebolístico!

Nós cá da «D. E.», por exemplo, já fomos vítimas da discriminação do Sporting de Espinho! Fizemos o favor de dar-nos uma «borla» que nem permite o acesso ao local de trabalho da Imprensa! No entanto, «D. E.», semanalmente faz os relatos dos jogos (e dá noticiário desportivo do Clube), pois sabe que ele interessa aos espinhenses, cá e longe. E se mais adiante não vamos, isso é reflexo de dificuldades internas compreensíveis, no entanto, temos procurado cobrir os acontecimentos de maior interesse na vida da Colectividade.

Portanto, «D. E.», já ia por favor ao futebol e, apesar disso, nunca deixou de cumprir. Mas, como a falar e a dizer verdade (doam a quem doer) é que a gente se entende, não podemos deixar de lamentar o procedimento do Sporting de Espinho, aderindo à decisão (infeliz, repetimos) tomada pelos seus comparsas da 1.ª divisão.

De facto, a ideia foi do Belenenses, um Clube de Lisboa, que continua a ser Portugal e o resto paisagem. Precisamente o Belenenses que deve tanto à Imprensa, a ponto de ter sido esta quem incentivou a entrega do Estádio do Restelo ao Clube, quando, para saldar dívidas, ficaria na propriedade camarária.

De facto, em Lisboa, parece desconhecer-se que não há só profissionais da Imprensa. Há colaboradores, sem os quais uma cobertura perfeita não podia ser efectuada, pois aqueles não chegariam para as encomendas. E, depois, existem os jornais regionais, como a «D. E.», servindo cidades e zonas nas quais se inserem, como levando todo o género de informações locais (é

essa uma das suas principais missões) a muitos dos cidadãos que saíram da sua terra e longe (dentro ou fora do país), querem estar ligados a ela e aos seus acontecimentos, através das notícias dadas pelo periódico dela.

Esta perspectiva, lá na capital não existe.

Mas, como não existe, é preciso berrear-lhes aos ouvidos, a ver se a entendem e terminam as discriminações de Lisboa e da província. Para que passem a compreender que os problemas não podem (mas não podem mesmo!) ser tratados apenas dentro das coordenadas que interessam à capital, desconhecendo-se factos reais que existem pela província e têm de ser tomados em conta.

Ora, o Sporting de Espinho em Lisboa, como clube da província devia ter defendido esta causa.

Todavia, pior, bem pior, foi a posição (de ingratidão) assumida pelo Clube da nossa cidade ao tacitamente concordar com a proposta. Realmente, está bem fresco, bem patente, todo o incondicional apoio que o Sporting de Espinho tem recebido da Imprensa Desportiva, sobretudo com alta expressão na época transacta e nesta mesma. A promoção sofrida pelo Clube a nível futebolístico (e não só, saliente-se) quer para alcançar a primeira divisão, quer para atingir determinada projecção nesta (com claros benefícios em muitos aspectos), deve-a aos órgãos da informação, à Imprensa Desportiva profissional e não profissional (este o caso da «D. E.»).

Lamentamos, por isso, a atitude de corroboração, como já aqui lamentamos a discriminação oportunamente feita à «D. E.» Talvez, como anteriormente, este lamento caia em saco roto, pois as «pancadinhas nas costas», os «muito bem» os «agradecimentos», são só para quando a crítica agrada.

No inverso, não se liga ou (superiormente) ataca-se.

Todos precisamos de todos e seria bom que isto não esquecesse, pois a união faz a força e a desunião quebra-a.

Agora, o que não pactuamos é com atitudes deselegantes, nem ingratidões, nem outras coisas que tais e, dentro duma linha traçada, de independência de ideias, sem subordinações a quem quer que seja ou ao que quer que seja, jamais deixaremos de verberar quando nos parecer mal ou de aplicar quando nos parecer bem.

Desta feita, parece-nos muito mal mesmo!

Carlos Sárria

Viagem ao Brasil

De 15 a 31 de Maio

Preço módico

Agência Seguradora de

J. CORREIA LEITE

PAÇOS DE BRANDÃO

Telef. 967859 e 967109

LIXO... (Continuação)

dar e eles atiram esses mesmos baldes para o passeio. Resultado: fica lixo espalhado por aí. Outra coisa: depois da passagem do carro, passa por aí um varredor, que por acaso é deficiente físico, e não poderá fazer grande coisa. Por isso não remedia o que o camião fez.

D. E. — Como acha que deveria ser feita a recolha?

A. J. F. — Acho que toda a gente deveria pôr o lixo em sacos plásticos, aí uma hora antes de passar o carro. Ficando toda a noite na rua, há certas pessoas que passam e que, por serem pouco civilizadas, dão quatro chutos neste ou naquele saco, e lá fica o lixo todo espalhado pela rua. E até mesmo por causa dos cães...

Finalmente, na rua 1 ouvimos Maria Augusta Pinto Pereira, doméstica, que a este respeito nos afirmou:

M. A. P. — Acho que não tem jeito nenhum estar o lixo exposto até tarde. São 10 horas quando o camião passa em minha casa e quase todos os dias tenho que lavar o passeio. Em outras localidades não é assim. Pelo menos em Lourenço Marques recolhiam o lixo às 3, 4 da madrugada. E no Porto e noutras cidades creio que também é assim. Além disso arremessam os baldes!

D. E. — Acha que deveriam ser utilizados baldes ou sacos de plástico?

M. A. P. — Creio que seriam preferíveis os baldes aos sacos de plástico...

Estas são, pois, as opiniões do público. No próximo número publicaremos os depoimentos de funcionários do Serviço de Limpeza e do Vereador desse Serviço.

(Conclui no próximo número)

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO
voltar a ouvir é voltar a viver

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO — Rua 62

no dia 21 de ABRIL, das 9 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos Auditivos — Modelos de Bolso — Modelos Retroauriculares — Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas

Visitem-nos na Grande Farmácia de Espinho, no dia 21, das 9 às 10,30 horas.

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — Porto
Poço do Borratém, 33 s/1 — Lisboa



TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

GENTIL GOMES DA COSTA**PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA**Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

**A "Defesa" precisa de mais
assinantes****CARTÓRIO NOTARIAL
DE ESPINHO**

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 12 de Abril de 1975, lavrada de folhas 76 verso a 77 verso do livro de notas para escrituras diversas A-Número 40 deste cartório notarial de Espinho, foi elevado o capital da sociedade comercial por quotas «ANTÓNIO FERNANDES DA SILVA PEREIRA, LIMITADA», com sede no lugar da Idanha, freguesia de Anta, deste concelho, de 750 000\$ para 1 000 000\$, cujo aumento de 250 000\$, em dinheiro, subscrito assim: António Fernandes da Silva Pereira, 150 000\$, Joaquim da Fonseca Pereira e Carlos da Fonseca Pereira, cada um, 50 000\$, entrando, pois, estes como sócios com uma quota, cada um, daquele valor, importância já integralmente realizada e entrada na caixa social.

Por esta mesma escritura foi dada nova redacção aos artigos terceiro e quarto do respectivo pacto, ficando redigidos como segue:

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 1 000 000\$ e corresponde à soma de quatro quotas, uma de 750 000\$00 pertencente ao sócio António Fernandes da Silva Pereira, outra de 150 000\$ pertencente à sócia Maria Nogueira da Fonseca, outra de 50 000\$ pertencente ao sócio Joaquim da Fonseca Pereira e outra de 50 000\$ pertencente ao sócio Carlos da Fonseca Pereira.

QUARTO — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios. São mantidos o parágrafo único daquele artigo terceiro e todos os parágrafos deste artigo quarto.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 12 de Abril de 1975.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

19-4-1975 — Defesa de Espinho — N.º 2246

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

**Centro de Enfermagem
de Espinho**

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

O NOVO · VW BRASILIA
**Para quem procura
uma viatura funcional e versátil**

com a tradicional qualidade e assistência VW.

Compacto por fora, espaçoso por dentro.

Carroçaria moderna e de linhas sóbrias, com duas largas portas laterais e ampla «porta» traseira. Equipado funcionalmente até ao mais pequeno pormenor.

Compartimento de bagagens ampliável.

Conforto para 5 pessoas. Robusta técnica VW de comprovada eficiência.

Motor de 50 CV a gasolina normal. VW Brasília — a sua viatura de trabalho durante uma longa vida.

UM VW É SEMPRE
UM BOM
INVESTIMENTO.



GARAGEM DE ARRIFANA

Rodrigues de Amorim & Irmão, L.ª

Arrifana (V. Vouga) — Telef. 22125/6

Wolkswagen

Exposição de Vendas:

AUTOMOVEIS
FURGONETAS

ESPINHO
Rua 19 — N.º 342
Telef. 920816

OVAR
Rua Dr. Manuel Arala, 42 r/c
Telef. 52859

S. JOAO DA MADEIRA
Rua Marechal Carmona
Telef. 23392

Segurança para o seu dinheiro,
tranquilidade para si!

UM NOVO SERVIÇO BPA

cofres
nocturnos
e diurnos

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.
Agora com um sistema inédito em Portugal.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

Cartório Notarial de Espinho

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

**MARIA ODILIA CORREIA
HENRIQUES, LIMITADA**

Certifico que por escritura desta data, lavrada neste cartório de folhas 78 a 81 do livro de notas para escrituras diversas A-40, MARIA ODILIA CORREIA HENRIQUES, JOSÉ MARIA DA FONSECA LOPES e LEONEL ABRAÃO HENRIQUES DE OLIVEIRA constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «MARIA ODILIA CORREIA HENRIQUES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento em Espinho, na Rua 12, 584, 2.º esquerdo e durará por tempo indeterminado, com início a partir de hoje.

SEGUNDO — O seu objecto é o fabrico e comercialização de vestuário, podendo ainda dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem por simples maioria dos votos correspondentes ao capital e não sejam proibidos por lei.

TERCEIRO — O capital social é de 150 000\$00 e corresponde à soma de três quotas iguais de 50 000\$00, pertencendo uma a cada sócio.

Parágrafo primeiro — A quota da sócia Maria Odília Correia Henriques é realizada pela entrada que a mesma faz para a sociedade e para esta transfere do seu estabelecimento de confecções sito na Rua 12, número 584, 2.º esquerdo, a que os outorgantes atribuem o valor de 104 467\$50 pelo que desta importância 50 000\$00 são para a realização da sua quota, ficando a mesma sócia credora da sociedade pelo restante valor, ou seja, 54 467\$50, prédio esse inscrito sob o artigo 2 701, de Espinho, com o rendimento colectável de 17 340\$00 e por cuja ocupação é paga a renda mensal de 1 700\$00, não descrito.

Parágrafo segundo — As quotas dos sócios José Maria da Fonseca Lopes e Leonel Abraão Henriques de Oliveira são integralmente realizadas em dinheiro, já entrada nos cofres sociais.

QUARTO — Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital e poderão os mesmos fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, umas e outros nas condições que a sociedade deliberar.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios. Nos actos de mero expediente a sociedade poderá ser representada por qualquer dos gerentes.

Nos documentos que não impliquem responsabilidades para a sociedade esta ficará obrigada com a assinatura de qualquer dos sócios Maria Odília Correia Henriques e José Maria da Fonseca Lopes.

Parágrafo único — Nos poderes de gerência compreender-se-á a faculdade de comprar, trocar e vender viaturas automóveis no interesse da sociedade, to-

mar de arrendamento para a sociedade quaisquer locais e negociar as respectivas cláusulas e confessar, desistir ou transigir em juízo.

SEXTO — A sociedade poderá constituir mandatários comerciais para os efeitos do disposto no artigo 256 do Código Comercial.

SETIMO — É livre a cessão de quotas, no todo ou em parte, em favor dos cônjuges ou dos parentes em linha recta, ficando também dispensado o consentimento especial da sociedade para as divisões para esse efeito necessárias.

Nos outros casos, as cessões de quotas carecem de ser consentidas pela sociedade a qual também poderá usar dos direitos de opção e de amortização pelo valor e nos prazos referidos no artigo seguinte, devendo, todavia, e sob pena de caducidade exercê-los no prazo de 30 dias contados a partir daquele em que for notificada, por carta registada, com aviso de recepção, dos elementos essenciais da projectada cessão.

OITAVO — É também permitida a amortização de quotas no caso de morte ou interdição de qualquer sócio e quando se verifique a venda forçada da quota, devendo a deliberação sobre a amortização ser tomada no prazo de 30 dias a contar daquele em que a sociedade tenha conhecimento de qualquer daqueles factos.

Parágrafo primeiro — O valor da quota para efeitos de amortização será o que resultar do último balanço aprovado.

Parágrafo segundo — O pagamento do valor da amortização e dos demais valores correspondentes à quota amortizada será efectuado em três prestações anuais iguais e sucessivas com vencimento no dia um de Abril do ano seguinte àquele em que se verificar o facto que deu causa à amortização.

NONO — Enquanto qualquer quota se mantiver indivisa, os seus diversos proprietários ou os diversos participantes no património em que ela estiver integrada designarão um entre si que a todos represente na sociedade.

DECIMO — Salvo os casos em que a lei exija formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas enviadas aos sócios com, pelo menos, 8 dias de antecedência.

DECIMO PRIMEIRO — Dos lucros líquidos apurados anualmente serão retirados 5 por cento para o fundo de reserva legal, até à sua formação e sempre que seja preciso reintegrá-lo. A sociedade poderá ainda criar outros fundos desde que para a formação destes não retire dos lucros líquidos importâncias que excedam a percentagem de mais de 20 por cento além das necessárias à criação e reintegração do primeiro.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 12 de Abril de 1975.

A Ajudante do Cartório,
(Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho)

19-4-1975 — Defesa de Espinho — N.º 2246



O máximo em qualidade!

Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

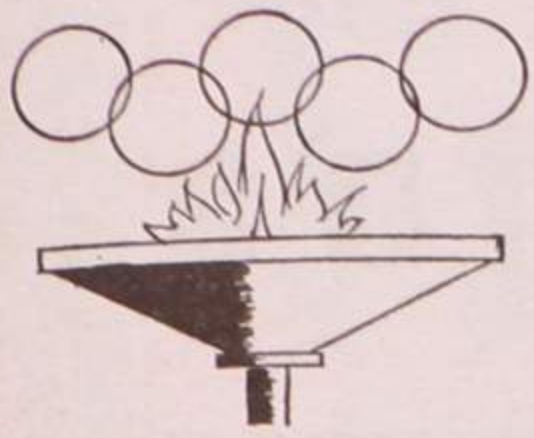
Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412



desporto



Regional de Infantis de Hóquei em Patins

A. A. E. (A), 8 — F. C. PORTO, 1

Desporto assim... uma delícia



HÓQUEI EM CAMPO

JUNIORES

Vilanovense, 0—A. A. E., 4

AAE — Alfredo, Catela, Mourão, José Carlos, Freire (2), Oscar (1), Menezes (1), Alexandra, Lacerda e Angelo.

Excelente vitória da jovem equipa espinhense graças a um grande colectivismo e disciplina por parte de todos os jogadores.

HÓQUEI EM PATINS

SENIORES

A. A. E., 9—Beira Mar, 4
Porto, 10—A. A. E., 0

Jogadores utilizados: Vitor, Mi-ro (1), Manuel José, R. Lacerda (3), Alcino (3), R. Azevedo (1), Sobral (1), Alfredo e Diamantino.

JUVENIS

A. A. E., 4—Rio Tinto, 1

AAE — Esmael, Reis (1), Quim (1), Pinto (2), Rocha, Sousa e Alves.

INFANTIS

A. A. E. (B), 0—Pacense, 7

AAE — Morgado, Sá, Arsénio, Lima, Toni, Faria e Valdemar.

Esta turma da AAE é, na verdade, um caso muito sério no hóquei patinado nor-tenho e mesmo nacional. No sábado último, no Pavilhão «Arq.º Jerónimo Reis», com a presença de número de espectadores assinalável, desbaratou a turma «azul-e-branca», favorita também ao título. Isso era o menos, mas o valor patenteado esse não engana.

Deve-se frizar que o hóquei adulto praticado pelos jovens academistas é o produto de todo um (canseroso) trabalho de base feito pelo Vladimiro Brandão, pois, com as «escolas de patinagem» que vem dirigindo há longos anos, ensinou-lhes todo o «abc» e deu-lhes os alicerces precisos para evoluírem (sensacionalmente), quer na maneira como dominam os patins, quer na noção (elevada) que têm já do hóquei, como desporto colectivo.

Delícia ver um jogo destes «miúdos», quando, para mais, impera uma total correcção, uma doação única (pura e plena) ao jogo, como foi o caso,, podendo-se apreciar a beleza técnica da modalidade e o valor do desporto em si, quando não adulterados por indivíduos de barba, cheios de vícios (e ronha) cujo fito verdadeiro não é praticar, mas ganhar apenas.

Como a AAE fazendo uma primeira parte em cheio (5-0), a briosa (e muito jeitosa) turma portista não pode resistir ao «cinco» da AAE, pois, para mais, os jovens espinhenses jogam bastante mais aberto, isto é sem determinantes tácticas rígidas (como se notou nos visitados), fazendo fruir também e por isso o valor individual dos «miúdos», todos com maior ou menor grau de virtuosismo.

Vitor Gil, guarda-redes, brilha, é seguro, mas tem poucas ocasiões para o demonstrar, dada a supremacia da equipa; José Silva, defesa-volante, barreira intransponível, calmo, magnífica estampa física, dá larga visão, o mais adulto na forma de jogar e com um disparo impressionante; Sousa, médio, sobriedade personificada,

utilidade total, não se dá por ele, mas, na sua calma aparente, é pedra valiosa; Vitor Hugo, avançado, cheio de «ralé», de temperamento, intuição, vibrando e fazendo vibrar, é «prima donna», com as suas endiabradas jogadas individuais com o seu quê de «fora-de-série», para obter golos de antologia; Gabriel Gil, avançado, inteligência, oportunismo, codícia, visão, tudo muito eficaz e sem muito aparato; Salvador, avançado, muito temperamento, entusiasmo, utilidade, mas menos amadurecimento técnico ainda; Tavares (guarda-redes suplente) e Paulo Marçal, não jogaram.

Arbitrou bem, Carlos Parati (Porto).

Marcaram: Gabriel (2), Vitor Hugo (4), Silva (1) e defesa portista na p. b.;

Por último, um reparo.

É necessário não criar nestes jovens o sentido de vedetismo (que aqui e além transpira), nem de superioridade ante os camaradas das outras equipas. Ampará-los sim, aplaudi-los pelas magníficas páginas desportivas que escrevem, também. Todavia, retirar-lhes a ideia de campione, de que têm de ganhar custe quanto custar, de que são «estrelas». A vaidade, a noção de elite, é antidesporto e haja bom senso, equilíbrio, para que o magnífico trabalho de Vladimiro Brandão não se adultere, nem caia por caminhos que cada vez interessam menos.

Ao mesmo tempo que se deu a estes jovens um valor desportivo deveras apreciável, é preciso formá-los (conscientemente) como bons desportistas (e homens) de amanhã. E, caramba, há muitos adultos que não ajudam nada, bem pelo contrário. Portanto, cuidado.

Parabéns, Vladimiro, parabéns jovens hoquistas, parabéns AAE e sobretudo o hóquei em patins português, pela contribuição positivíssima que esta equipa de infantis dá à modalidade.

C. S.



ANDEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Espinho, 17—Ac. S. Mamede, 17

Dias, Gelásio, Manecas, Filipe, Jorge, Fernando, Mário, Canelas, Tomás, João e Pinto.

Campeonato Nacional de Juniores

Espinho, 13—Viseu e Benf., 26

Salvador, Pinto, Proença, Ludovino, João e Fernando.

FUTEBOL

Campeonato Distrital de Reservas

Anadia, 0—Espinho, 0

Rocha, Faustino, Acácio, Gonçalves II, Chico, Béné, Sá, Quaresma, Duarte, José Alberto, Perez (Chilro).

Campeonato Distrital de Iniciados

Espinho, 6—Beira Mar, 2

Fernando Jorge, Pinto, Rui Manuel, Cântara, Brito, Gaspar, Maia (Hermínio), Gonçalves, Ferreira, Freire e R. Oliveira.

I Torneio de Futebol Juvenil de Espinho

Espinho, 4—Esmoriz, 0

Domingo, Mário, Rachão, Rogério, Vasconcelos, Artur (Oscar), Jesus (Pereira), Marques (Maia), Amadeu, Alfredo (Fausto), Sabença.

VOLEIBOL

Campeonato Regional de Juvenis

Espinho, 3—Gueifães, 1

David, Ricardo, Alcino, Armando, Rogério, Pinheiro e Almeida.

Taça de Portugal (Feminino)

Espinho, 0—Vila Real, 3

Lúcia, M. José, Amélia, Isabel, Clara, Guida, Fátima, Alice e Palmira.

OS "MIÚDOS" DO HÓQUEI

Na última época de provas de Hóquei em Patins, a A.A.E. lançou uma equipa de infantis, composta por miúdos de raras aptidões para a modalidade e que se saíam sobre os outros agrupamentos pela sua maturidade de jogo.

Este ano a equipa manteve-se com todos os elementos na mesma categoria e começa a fazer furor. Tendo ganho todos os jogos por fartas goleadas, encontrava-se empatada em primeiro lugar do Campeonato Regional com o F. C. do Porto. No passado Sábado, deu-se o embate entre as duas equipas: 8-1 a favor da A. A. E.

Assim, tentámos contactar com os seus elementos e eis o que José Francisco da Silva nos confiou:

— Há quanto tempo jogas Hóquei?

— Há três anos, a jogar mesmo. Treinamos às Segundas das 6 às 8 horas e Sábados das 5 às 8. Ritmo: primeiro aquecimento com passagens de bolas e no fim jogo.

— Preparação física também?

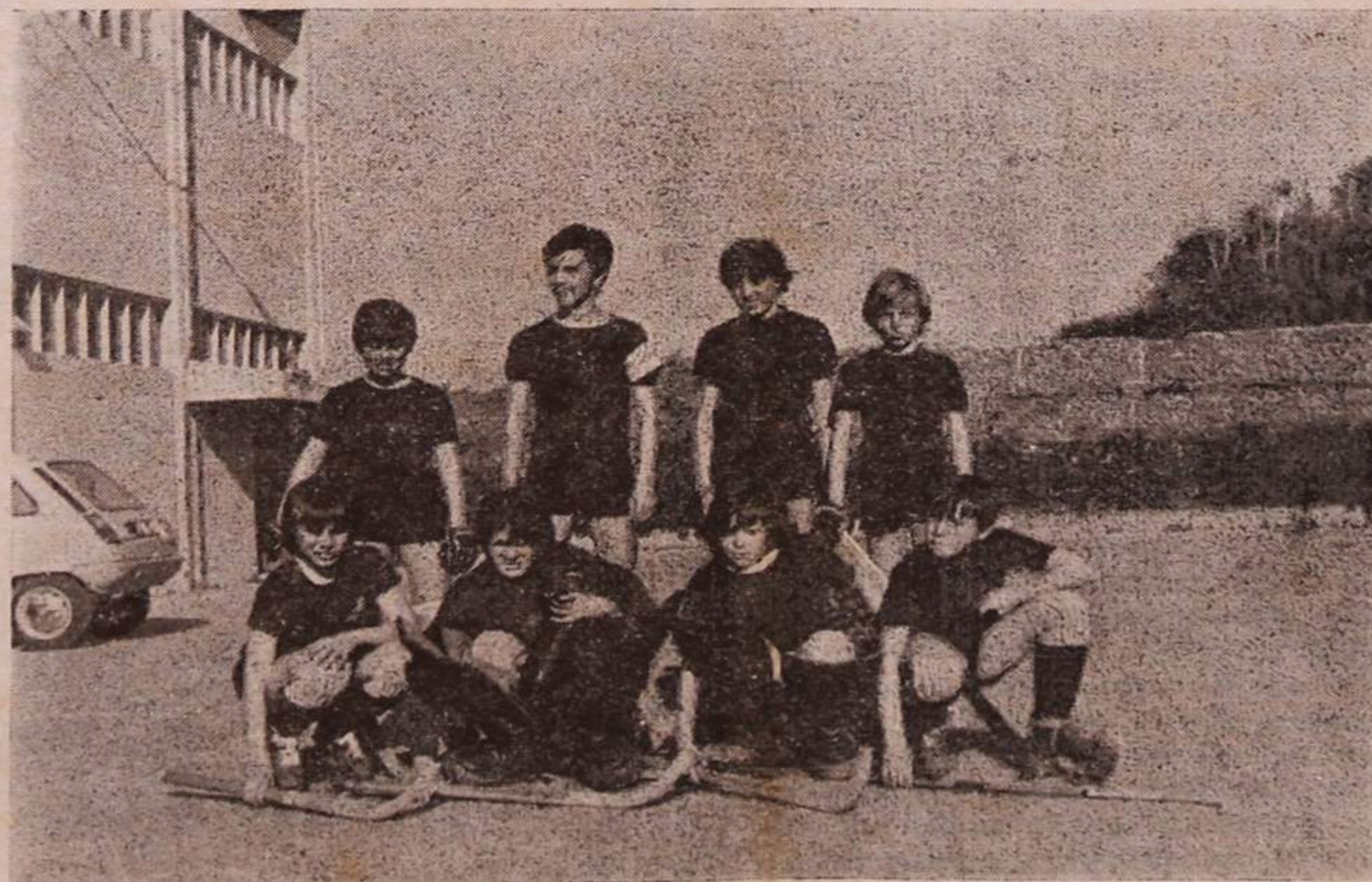
— Não. Preparação física não.

— Quem é o vosso treinador? Que acham dele?

— Vladimiro Brandão. Acho que percebe daquilo.

— Convosco também refila como é seu costume?

— Sim, refila um bocadinho...



Em baixo da esquerda para a direita: Gabriel Gil, Vitor Gil, Tavares e Vitor Hugo. De pé, pela mesma ordem: Sousa, Silva, Salvador e Marçal

— Vocês vão portanto em 1.º lugar no Campeonato Regional. Que acham do Campeonato?

— Acho que temos possibilidades de o ganhar, dado que a nossa equipa é quase toda do ano passado.

— Para o ano será ainda a mesma equipa?

— Não, para o ano há já alguns que vão ficar de fora.

— Que acham das vossas possibilidades de serem ao Nacional?

— A figura que formos lá fazer depende das outras equipas. Quanto às de cá do Norte, talvez só a do Porto se possa equiparar à nossa.

— Pensas continuar a jogar hóquei?

— Sim, penso.

— Porque é que jogas hóquei?

— Jogo para ocupar os meus tempos livres, pois estudo no 3.º ano do Liceu. Além disso, contribui para a formação de um indivíduo e é uma boa oportunidade de camaradagem no meio de um grupo.

— E quanto aos teus colegas que, como tu, jogam hóquei?

— Acho que eles vêm isso da mesma maneira que eu. Só mais tarde é que talvez passem a levar a coisa mais a sério. Eu jogo hóquei apenas por aquilo que disse, além de desenvolvimento físico, claro.

— Se houvesse outro Clube de hóquei cá em Espinho, continuavas na Académica ou mudavas-te?

— Se começasse aqui continuava aqui, se começasse no outro continuava no outro.

— Não achas que os jovens de Espinho, os estudantes, devem praticar desporto aqui na Académica, que é mesmo uma Associação Académica?

— Acho que sim. Não só aqui mas também na escola. Lá, em vez de ser basquetebol por exemplo, deveria também haver hóquei. No Liceu joga-se hóquei, mas são os mesmos de cá da Académica que lá andam a estudar.

— Mas há campeonatos escolares de hóquei?

— Parece que vai haver agora um jogo contra o Liceu de S. João da Madeira. Eu acho que o hóquei não devia existir só nos clubes, mas também nas escolas.

RASCUNHOS

O ex-Presidente da ex-Comissão Administrativa da Associação de Patinagem de Aveiro, sr. Manuel Boia, escreveu para a página desportiva do LITORAL do passado dia 12 uma das suas substanciais prosas. Prosa em que tratava de estabelecer um paralelo entre a Associação que abandonou e a Liga dos Bombeiros do Distrito de Aveiro. Afirmava nessa prosa que ambas as agremiações se haviam alastrado «profusamente neste «país pequenino dentro de um País grande» — o nosso Distrito de Aveiro» com uma pequena diferença. Diferença que «...está na cidade de Espinho. Enquanto os B.D.A. dispõem da ajuda preciosa das experientes corporações dos Bombeiros Voluntários de Espinho e dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, a «pobre» da A.P.A., que tanto tem trabalhado pelo Distrito, desacompanhada por quem a devia não só acompanhar, mas permanentemente a impulsionar, não tem ainda, nem a Associação Académica de Espinho nem o Sporting Clube de Espinho». E vá de aproveitar o lançamento para declarar ser «Este um caso flagrante, que mostra bem como havia pleníssima razão para a Comissão Administrativa da Associação de Patinagem de Aveiro abandonar o seu posto, depois de tanto pugnar e ajudar a engrandecer o Distrito, ao ser-lhe feita clamorosa INJUSTIÇA».

Esta de misturar instituições humanitárias com agremiações desportivas só mesmo ao sr. Boia lembra-

ria. O sr. Boia deve saber que a AAE sempre esteve filiada na Associação de Patinagem do Porto, desde tempos em que nem ele (nem o Distrito que tanto cuidado lhe dá) ligavam a mínima importância ao Hóquei em Patins. E também deve saber que é voluntariamente que a A.A.E. luta para não ser contra a sua vontade obrigada a filiar-se na Associação de Patinagem de Aveiro. O sr. Boia deve saber também que as Associações de Bombeiros do tal Distrito de Aveiro se uniram voluntariamente na Liga dos Bombeiros do Distrito de Aveiro, sem imposições de qualquer ordem. Eu, e muito boa gente — de Espinho ou do resto do tal Distrito — sabemos que, se, por qualquer acaso do destino, as corporações de bombeiros da nossa terra abandonassem a Liga, ninguém pretenderia obstar compulsivamente a tal decisão, e, isto ainda menos, os dirigentes da Liga não imitariam o mau exemplo de abandonar os seus postos como o fizeram os componentes da eterna Comissão Administrativa da Associação de Patinagem de Aveiro.

Uma coisa continua a ser-me difícil de engolir: é como os clubes filiados na A.P.A. ainda se não aperceberam dos inconvenientes em que se meteram ao se não precatarem contra a teimosia pessoal do sr. Manuel Boia e ao darem-lhe o seu aval no abandono do navio...

C. P. M.

CONCURSO «D. E.»

Numa tentativa de despertar o leitor para uma atitude algo mais participativa do que limitar-se apenas à leitura do jornal, vimos hoje propor a participação dos nossos leitores num concurso que pensamos organizar regularmente. Sendo este nível de participação ainda muito limitado, gostaríamos porém que servisse de estímulo para motivar de forma mais relevante uma participação na elaboração deste semanário. Assim se justifica o aparecimento deste Concurso.

★

O autor do texto abaixo transcrito é um dos escritores portugueses mais importantes neste século. Com vários volumes de poesia e prosa publicados, prepara-se para dar a público mais alguns livros. É actualmente presidente da Associação Portuguesa de Escritores.

Entre os leitores que indiquem o nome do autor em questão, sortearmos um livro de sua autoria.

Hoje acordei com esta pergunta a erguer-me lentamente as pálpebras: «como imaginam as pessoas, agora tão assustadas com meia dúzia de actos de violência (que eu reprovoo do fundo do sangue) como imaginam as pessoas que aconteceram todas as grandes mutações históricas que geralmente nos manuais escolares se resumem a datas secamente decoradas? O 1383 (e nessa altura quem se recorda da morte do conde de Andeiro pelo Mestre de Avis, da fuga da velha nobreza para Castela, do cerco de Lisboa,

etc.), o 1640, o 1820, o 1910, isto esquecendo de propósito as revoluções francesa, russa, chinesa, cubana, etc.

Devo confessar que, quando sonhava a passagem do fascismo português para outra situação diferente (nunca se volta ao passado), tremia de susto diante de apocalipses possíveis que, felizmente, não se realizaram até hoje. E oxalá não aconteçam, embora não falem tempestades que todos aguentaremos com o civismo do tamanho da grandeza do momento que vivemos (de grandeza, sim, não estou a exagerar).

Fala-vos alguém que, na infância e juventude, assistiu ao tremor de terra superficial da revolução de 1910 mas em que não faltaram invasões do estrangeiro, contra-golpes, ditaduras precoces, como a de Pimenta de Castro, revoltas monárquicas. Uma com toda a guarnição militar de Lisboa, instalada no Monsanto, enquanto em baixo, na cidade, a população ardente armada apenas de dedos nus, lutava pela República que, nessa ocasião, simbolizava a Esperança Maior.

Que admira, pois, que em 1975 quando, por desejo de salvação comum, não temos outro caminho senão, em unidade perfeita de todos os partidos, construir o socialismo na fraternidade, os que dantes possuíam a vida por inteiro, reajam agora com ímpeto de espanto e ataque, intriguem, arremessem, ansiosos de voltar ao «paraíso anterior». Com o auxílio dos estrangeiros, claro — que, aliás, têm actuado com discrição surda, perigosíssima.

(Continua na pág. 6)

MINI-INQUÉRITO

Eleições à porta. Campanha eleitoral em marcha acelerada. A «D. E.», no passado Domingo, pôs o gravador a tiracolo e foi para a rua ouvir gente, saber o que as pessoas pensam sobre as eleições. Eis as respostas:

Manuel Crista, trolha

— Considero que as eleições são uma arma para o Povo, poderão revalidar mais a força da aliança com o MFA e poderão corresponder a uma grande força de esquerda para conseguirmos destruir o fascismo e construir uma sociedade nova, que será a sociedade socialista, onde não haverá explorados nem exploradores.

Carlos Rosas, estudante

— Penso que as eleições são um objectivo que os Portugueses tinham em vista, mas não resolverão a maioria dos problemas do Povo. Esses só serão resolvidos por profundas transformações na sociedade que só poderão ser feitas pelos trabalhadores.

Fernando António Gil, empregado de escritório

— Para mim as eleições são muitos úteis para o Homem que pensa e quer ser livre, e mesmo para todo o cidadão português, porque já passamos o tempo em que não podíamos dizer aquilo que sentíamos. Por tudo isso acho-as muito úteis.

Jorge Figueiredo, estudante

— De imediato, parece-me que há dois aspectos a considerar nas próximas eleições: um aspecto estatístico, para comprovar o interesse que o Povo nelas terá; e um aspecto pedagógico, na medida em que irão mostrar o que foi feito para o esclarecimento das massas populares. No entanto eu penso que as eleições não terão um carácter prático, pois que o pacto do MFA com os Partidos já terá definido a linha de rumo a seguir.

D. E.

GAZETILHA

FINAL DE ACTO

Eis à porta as eleições!
Vão-se fechando as torneiras
Ao caudal das discussões,
Das verrinas desordeiras.

Diversos pontos de vista
As «propagandas» impõem,
Não havendo uma só «lista»
De que as demais não destoem.

Doze são. Que quatro, ao menos,
Somem real maioria;
Levando os grupos pequenos
As leis da Democracia.

Se dorme dentro de nós
Dum vivo Amor o mistério,
Desperte-se a sua voz,
Vamos trabalhar a sério.

Em cada terra, ergam-se almas
D'opção bem determinada;
Vá tudo votar «nas calmas»,
Como quem «não vai a nada»!

Que, ao cabo, o MFA
Tem, no seu Pacto assinado,
A segurança que dá
Um porvir «pré-fabricado»!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

SEMANÁRIO

Camara Municipal do Espinho AVENÇADO
Rua -19
ESPINHO